

Programa radical divide PSDB

095

"Mais do que um partido, o PT é uma seita. Dai porque é tão difícil apoiar o candidato de uma argemiação que tem posturas tão radicais." A declaração, do senador José Richa (PSDB-PR) reflete bem o clima de insatisfação da maioria dos senadores e deputados tucanos que, ontem pela manhã, se reuniram no auditório Petrônio Portela, do Senado, para apreciar o apoio do partido à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva da Frente Brasil Popular, à Presidência da República, no segundo turno.

É verdade que as bancadas do partido dos tucanos no Senado e na Câmara, ratificaram a decisão da Executiva Nacional de recomendar ao diretório — que se reunirá amanhã, em Brasília — "que repudie a candidatura Collor de Mello porque ela se situa em campo oposto ao que é próprio da social-democracia e dos interesses do País. E autorizaram o presidente do partido, que já foi procurado pelo PT, a ouvir as propostas da candidatura Luís Inácio Lula da Silva para o segundo turno, de tal modo que o diretório tenha melhores condições de decidir sobre a viabilidade do apoio. Mas foi uma postura só adotada após quase três horas de acirrados debates". Uma atitude meramente formal. E os tucanos adotaram-na "engolindo os sapos das declarações feitas no dia anterior por deputados petistas, como José Genoíno (PT-SP) e Aldo Arantes (PC do B-GO). O primeiro, admitindo vetos a nomes de políticos do PSDB para subirem ao palanque junto com Lula e o segundo afirmando que as alianças seriam feitas "apenas com os grupos à esquerda, tanto do PSDB como do PMDB".

"Dizimar os partidos"

Furioso com os pronunciamentos dos parlamentares da Frente Brasil Popular, o deputado Ronaldo César Coelho (PSDB-RJ) lembrou que "o PT e seus coligados estão usando a estratégia de criar uma frente ampla, tentando dizimar os partidos com esse sectarismo de querer dividir-nos em grupos à esquerda". Isso nos dá o direito de respondermos que só faremos coligação com os defensores da social-democracia no PT. E daí? Como é que fica? Ou a aliança é com o partido, como um todo, ou então não haverá fechamento de questão. O PSDB denunciará as diferenças que há entre o seu programa e o da Frente Brasil Popular. Por isso, acho que o PSDB deve formular um projeto alternativo e apresentá-lo ao Lula. E que ele seja compatível com o que foi defendido nos palanques do primeiro turno, pelo candidato Mário Covas".

O próprio Mário Covas, que se tem mantido equidistante do processo de negociação com PT, acabou ficando irritado com o radicalismo dos petistas que pretendem vetar políticos tucanos. "Que ninguém imagine — disse Covas — que, se o apoio for concretizado, alguém do lado deles possa vetar um dos nossos correligionários. Isso não tem sentido".

Montoro irritado

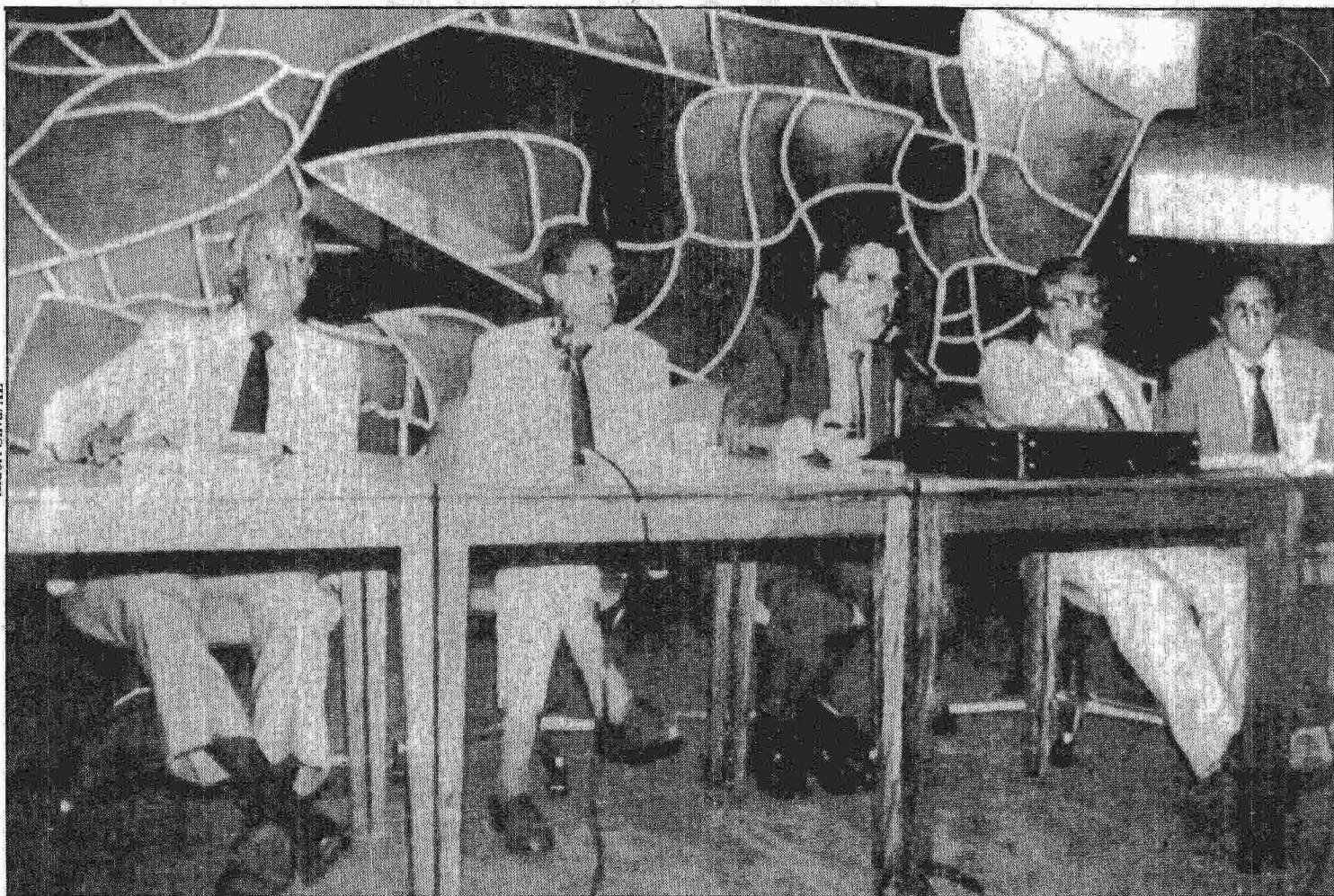
O presidente nacional do PSDB, ex-governador Franco Montoro, estava irritado com a notícia publicada em alguns jornais de que ele teria dito que o acordo com o PT estava difícil por causa do radicalismo dos integrantes da Frente Brasil Popular. "Mas eu não fiz nenhuma declaração a ninguém", comentava Montoro com seu assessor de Imprensa, o jornalista João Russo. Aliás, como negociador oficial dos tucanos, Montoro evitou fazer declarações. Ele ouviu as reclamações dos senadores e deputados e falou apenas o necessário: "Daremos continuidade à atribuição que nos foi dada pelo partido, aliás, por sugestão do senador Mário Covas. Esperamos que até sábado, quando o diretório nacional se reunirá, tenhamos um quadro mais objetivo para apresentar aos participantes do encontro".

Se o diretório aprovar a composição com a Frente Brasil Popular, o PSDB terá de convocar a convenção nacional para formalizar a coligação. Entretanto, o diretório tende a optar, amanhã, apenas por um manifesto de apoio discreto à candidatura Lula. Ou então, se prevalecer a posição até agora fixada por alguns diretórios municipais, fixar-se na tese da "autonomia crítica", denunciando as discordâncias entre o seu programa e os dos candidatos ao segundo turno.

O presidente do diretório regional paulista do PSDB, deputado José Serra, exibiu, na reunião das bancadas, a posição de vários diretórios municipais, que defendem a "autonomia crítica", principalmente em face aos sectarismos estaduais ou locais.

Ontem à noite, no comitê Mário Covas, os tucanos Franco Montoro, José Richa e Euclides Scalco tiveram uma reunião com o líder do PDT na Câmara, Vivaldo Barbosa, para discutir o apoio a Lula.

João Sampaio, enviado especial.



Para os tucanos, o PT é uma seita fechada.